

Filhos das selvas

Em suas viagens pelo Brasil colônia, os europeus relatavam espantados o carinho das mães indígenas com seus filhos. Carregados em tipóias, as crianças ficavam com as mães na hora do trabalho e nos rituais festivos.

Entre os índios brasileiros, a família é a instituição mais importante e a chegada de um filho não afeta somente os pais, mas toda a sociedade.

O casamento entre os indígenas é determinado pelo nascimento do filho —até então, o futuro “marido” vive junto com outros homens. “Com a chegada da criança, ele passa a viver na casa da esposa”, explica Lux Vidal, professora-aposentada do Departamento de Antropologia da USP.

A paternidade marca a passagem do “indivíduo” para o “homem político”. O índio ganha status e pode começar a exercer a oratória, comandar cerimônias ou pleitear um lugar de chefe da aldeia.

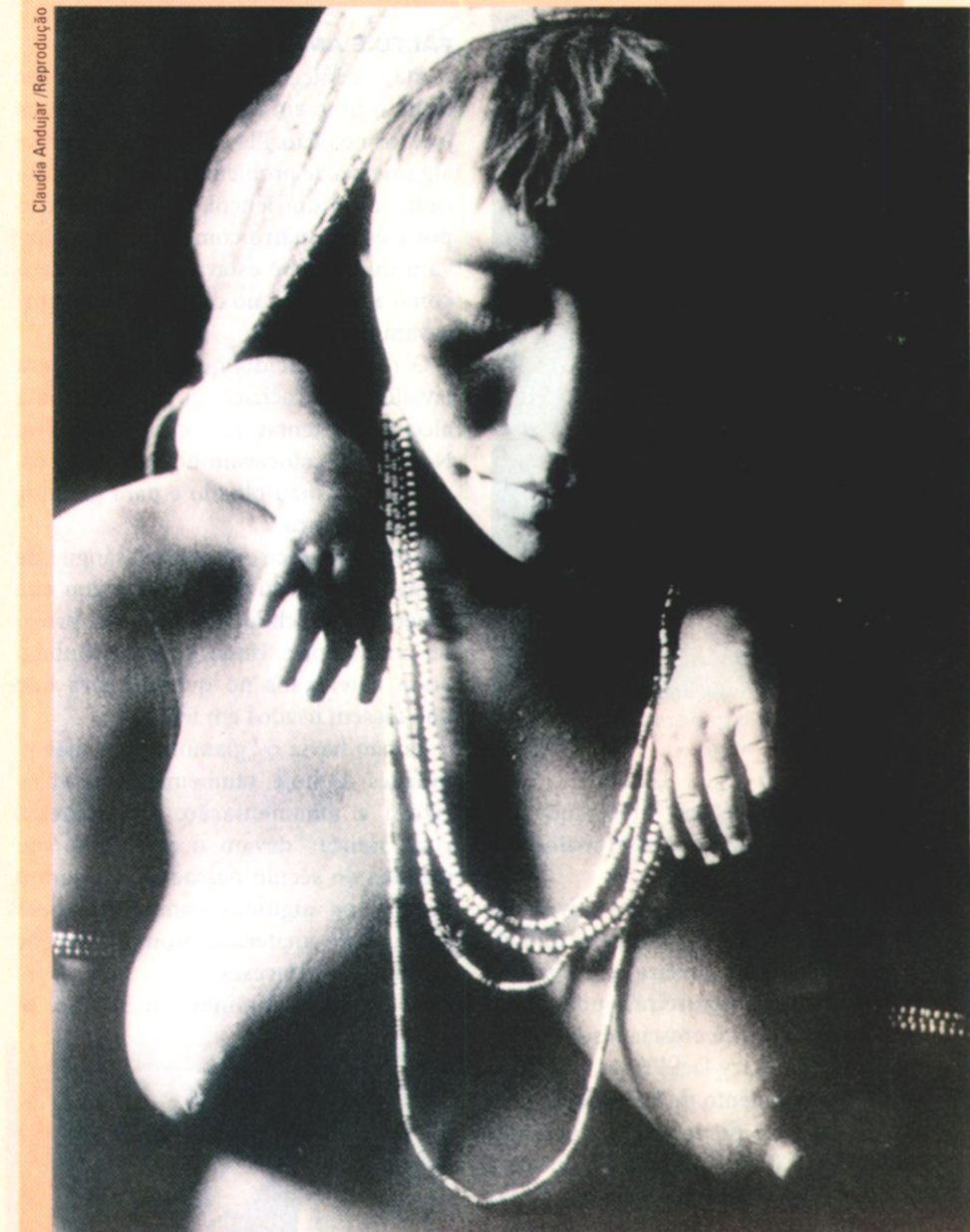
Até os oito primeiros dias de vida da criança, quando cai o cordão umbilical, os pais ficam em retiro, em função do filho. A mãe faz um resguardo que pode durar dois meses.

As mulheres são mães bem jovens, entre 15 e 16 anos. São elas que cuidam dos filhos —trabalham com eles pendurados em tipóias nas costas.

A criança é amamentada por até dois anos. A mãe cuida de sua saúde e higiene, dando banho três vezes por dia. Ela se ocupa da ornamentação, pintura corporal e cuida para que a criança aprenda a falar corretamente.

As mães índias têm muita paciência: não se bate em criança porque isso poderia assustar a alma e fazê-la fugir do corpo.

O pai não precisa se ocupar dos filhos. Mas, quando os meninos alcançam uma certa idade, são levados para a floresta para aprender as técnicas de caça. “É a divisão social do trabalho. As meninas ficam sempre com as mães, tias e avós e vão automaticamente aprendendo as tare-



Claudia Andujar / Reprodução

Ianomami com bebê, em ensaio fotográfico de Claudia Andujar, dos anos 70

fas femininas”, explica Lux.

Nos rituais, as crianças são carregadas por pais, amigos formais ou parentes. Dessa forma, elas participam e são educadas, sendo aos poucos integradas à sociedade.

O infanticídio existiu durante muito tempo. Havia o costume de matar as crianças deficientes assim que a mãe tinha outro filho. “Uma criança com problemas é inviável para a vida que levam. Essa morte é sempre um ato doloroso, mas visto como necessário”, explica Lux Vidal.

No caso do nascimento de gêmeos, em geral era sacrificado. Por um lado, via-

se a questão prática de que a mãe não poderia carregar dois filhos durante o seu trabalho. Além disso, os índios achavam que ter vários filhos ao mesmo tempo era coisa de bicho, que os humanos só têm um de cada vez. “Nascer dois bebês significava que as crianças teriam identidades mal definidas”, diz Lux.

O aborto também existe nas comunidades indígenas. Como as mães amamentam por cerca de dois anos e carregam seus filhos consigo, tê-los em um intervalo menor que esse é indesejável. As índias têm, em média, de quatro a seis filhos.